

Um estudo sobre o mestre Artigas e o aprendiz Jorge Caron.

Amanda Saba Ruggiero

Mestranda de **ARQUITETURA E URBANISMO DA EESC - USP.**

amandaruggiero@yahoo.com.br

Nas décadas de 50 e 60 a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de São Paulo foi ambiente disseminador de uma série de princípios éticos e estéticos, tendo a figura do mestre João Batista Vilanova Artigas como eixo difusor e grande condutor destes ideais. A tese de Artigas se referenciava na responsabilidade social do arquiteto, que vislumbrava como seu instrumento de emancipação política e ideológica o conceito do projeto e do desenho. Os textos de Vilanova Artigas analisados aqui são discursos de formatura escritos em 1955, 1958 e 1964, dirigidos diretamente aos seus alunos, futuros arquitetos. O interesse é ressaltar as principais idéias e preocupações que nortearam as palavras do mestre paraninfo aos jovens arquitetos, além de elucidar sua contribuição ao debate da formação entre estudantes, profissionais e especialistas.

Aluno e estagiário de Artigas, o arquiteto Jorge Caron (1936/2000) respondeu ao perfil do “arquiteto completo” idealizado por este grupo da FAU-USP, trabalhou como arquiteto e urbanista, educador, paisagista, designer, cenógrafo, cineasta e agitador cultural, sem dúvida alguma foi personagem de fundamental importância, tendo trabalhado intensamente no campo constitutivo deste rico ambiente de luta pela formação cultural do país. É muito provável que Caron comportou-se como ouvinte de Artigas em alguns momentos destes discursos.

Trata-se aqui de traçar as relações existentes nos textos de Jorge Caron e nos discursos de Vilanova Artigas, em que ambos discutem a profissão, o trabalho e a organização dos arquitetos, procurando identificar e entender as posições convergentes, comuns e assimiladas diretamente do mestre para o aprendiz. É interessante notar e compreender alguns desdobramentos, e certos avanços na temática muito discutida e polemizada: o campo de atuação do arquiteto.

Palavras-chave: Mestre, Ensino de Arquitetura (FAU-USP), Jorge Caron.

During the years of 1950 and 1960, the Faculty of Architecture and Urbanism of Sao Paulo (FAU-USP) was a scattering center of some ethics and esthetics principles, guided by the master João Batista Vilanova Artigas as diffuser and great leader of these ideals. Artigas' thesis was based on the architect social responsibility that looked for the concept of project and design as instrument of politic and ideology emancipation. The texts of Vilanova Artigas considered here are speeches written to his students, future architects, in 1955, 1958 and 1964. The point is to stand out the main ideas and concerns that had guided the words of the master paranymp to the young students, besides explain his contribution to the debate of the formation of students, professionals and specialists.

Student and trainee of Artigas, the architect Jorge Caron (1936/2000) is the profile of the "complete architect" idealized by this group from FAU-USP. He worked as an architect and urban planner, educator, landscape worker, designer, scenographer, movie director and cultural agitator. He was undoubtedly an important professional, having worked intensely for the cultural formation of this country. At some moments of these speeches, Caron behaved as a listener of Artigas.

In this work, we study the existing relations between the texts of Jorge Caron and the speeches of Artigas, focusing in the profession, work and architects organization. We try to identify and understand the converging point of view absorbed directly from the master to the apprentice. It is also interesting to notice developments and advances in the very argued thematic: the architect activity field.

Introdução

Os anos 50 foram marcados por importantes episódios na história da arquitetura brasileira. Foi um momento em os arquitetos se organizaram enquanto classe e se fortaleceram por diversas razões, dentre as mais importantes, a reorganização do IAB nos anos 40 merece grande destaque.¹

¹ Na primeira metade da década de 40 surgem os primeiros departamentos estaduais do IAB e tem início a transformação do Instituto de entidade centrada no Rio de Janeiro em uma estrutura federativa. Os primeiros departamentos de Minas Gerais e de São Paulo foram criados em 1943. Coube ao Paulista sediar o I Congresso Brasileiro de Arquitetos, em janeiro de 45, quando o Estado Novo vivia seus últimos dias em decorrência da vitória das forças armadas aliadas nos campos da Europa. A esta altura, a entidade estava perfeitamente consolidada e era preciso avançar. ...Mas,

João Batista Vilanova Artigas dizia que o IAB desde o 1º Congresso Nacional de Arquitetos realizado em 1944 em São Paulo dedicou-se a incentivar o aperfeiçoamento do ensino de arquitetura e a fundação de novas faculdades de arquitetura dentro das universidades, separadas das escolas de engenharia. 2

O reconhecimento da arquitetura brasileira no âmbito internacional também impulsiona a organização dos profissionais no Brasil. Assim, em São Paulo o enfrentamento e o embate dos arquitetos com a independência da Escola Politécnica ganha mais força e, possibilita a criação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.³

A FAU-USP tem suas origens ligadas a estes movimentos e suas raízes mais profundas no curso de arquitetura da Escola politécnica da USP. Organizou se adaptando ao currículo padrão que era da Escola Nacional de Belas Artes, com suas disciplinas de plástica, modelagem, arquitetura de interiores, grandes e pequenas composições, etc... Mas também conservou o programa de ensino técnico que caracterizava o curso de Arquitetura da Escola Politécnica. A formação urbanística sob a orientação do professor Anhaia Mello, também tem sua origem neste curso.⁴

Sobre a centralidade e a presença do mestre Vilanova Artigas na articulação das idéias e princípios que nortearam a FAU-USP não há dúvida nem desacordo, é indiscutível a permanência dos ideais defendidos por ele perante as seguintes gerações.⁵

A reformulação nos cursos de arquitetura e urbanismo era discutida desde 1957 nos encontros nacionais de arquitetos, professores e estudantes de arquitetura. Em 1962 implantou-se o novo currículo na FAU-USP e na Faculdade de Arquitetura do Rio Grande do Sul. Na FAU-USP Artigas

uma questão colocava-se como prioritária naquele momento de democratização da sociedade brasileira. Disponível em http://www.iab.org.br/index_instit-flash.htm, acesso em 20.mar.05 15:00h.

2 ARTIGAS, João Batista Vilanova. Contribuição para o Ensino e Arquitetura UIA_ UNESCO In **Sobre a História do Ensino de Arquitetura no Brasil**. p.33, ed. Vozes, São Paulo, 1977.

3 Os detalhes e toda narrativa deste histórico, bem como os agentes e um pouco do clima deste período estão no texto FAU_Histórico, in revista **Desenho**, n. 1, Impressa e publicada pelos alunos da FAU, 1970.

4 Idem 2. p. 33

5 Existem divergências e debates sobre como tratar este grupo, entre os termos arquitetura, escola ou corrente paulista, há autores que adotam o termo brutalismo, como defende Maria Alice Junqueira Bastos em **Pós Brasília rumos da arquitetura brasileira**, São Paulo, perspectiva, Fapesp, 2003. p. 10-13.

propôs o conceito de projeto como espinha dorsal do curso, e defendia a formação do profissional qualificado para atuar em diversas áreas:

Os cursos de arquitetura devem padronizar o futuro arquiteto de forma mais ampla do que até hoje... Assim, o perfil do arquiteto deve ser o mais variado possível e baseado no mais amplo sistema de informações de maneira que possamos contar com arquitetos nos mais variados ramos da atividade social. 6

O país iniciou a década de 60 com certo otimismo nacionalista e a promessa de renovação. A industrialização, o desenvolvimento econômico, o progresso tecnológico, materializavam-se através da indústria automobilística, da construção de Brasília e da chegada do homem à lua.⁷ De um lado o crescimento econômico e o extraordinário progresso tecnológico dos países desenvolvidos e seus reflexos nos países subdesenvolvidos e de outro, a contestação desta prosperidade através das manifestações culturais, sobretudo lideradas pela juventude como o rock, o hippie e a contracultura. “Brasil, primeiros anos da década de 60: talvez em poucos momentos da nossa história o que poderíamos chamar de forças progressistas tivessem se visto tão próximas do poder político.”⁸ O vínculo entre cultura e política persiste em todas ações culturais, a arte é responsável pela transformação da realidade. Esta visão percorre de modo geral a juventude e a produção cultural naquele momento. Jorge Caron se formou neste momento e partilhou diretamente destes ideais. Nascido em 15 de abril de 1936 e falecido em janeiro de 2000, Jorge Oswaldo Caron iniciou seu trabalho de arquiteto e urbanista a partir de 1959, quando se tornou aluno da FAU-USP. Foi ativista político quando estudante e desde então esteve sempre envolvido com os órgãos e instituições de representação de categoria. Enquanto arquiteto e urbanista sua inquietação esteve fortemente vinculada à ação social do arquiteto, ressaltando-a como agente catalisador e tradutor de uma sociedade em transformação.

6 ARTIGAS, João Batista Vilanova. Contribuição para o relatório sobre Ensino de Arquitetura UIA UNESCO 1974 in **Sobre a História do Ensino de Arquitetura no Brasil**. p.37 , ed. Vozes, São Paulo, 1977.

7 PAES, Maria Helena Simões. **A Década de 60 – rebeldia, contestação e repressão política**. São Paulo, Ática, 1995. Neste livro, são apresentados diversos aspectos relevantes do contexto mundial.

8 HOLANDA, Heloisa Buarque de. **Cultura e Participação nos anos 60**. São Paulo, Brasiliense, 1982. p. 11

A seguir serão analisados três textos de Vilanova Artigas, são discursos de formatura escritos em 1955, 1958 e 1964, dirigidos diretamente aos seus alunos, futuros arquitetos. Destacaram-se as principais idéias e preocupações que nortearam as palavras do mestre paraninfo aos jovens arquitetos, além de compreender sua contribuição ao debate da formação entre estudantes, profissionais e especialistas.

Jorge Caron foi aluno e estagiário de Artigas, e provavelmente comportou-se como ouvinte em alguns destes momentos. Baseado nos textos de Jorge Caron que discutem a profissão, o trabalho e a organização dos arquitetos, pode-se relacionar as posições convergentes, comuns e assimiladas diretamente de seu mestre.

É necessário reconhecer a parcialidade desta análise, uma vez que as referências de Caron não foram somente estas idéias, mas é preciso reconhecer que sem dúvida Artigas foi mestre, eixo principal, centro rígido e condensador dos principais ideais da arquitetura moderna em São Paulo, compartilhados posteriormente por Jorge Caron e muitos outros.

É como partir da análise do discurso do professor, e buscar entender o que foi assimilado, compreendido ou reinterpretado pelos seus discípulos. No caso aqui, estaremos realizando o estudo de um caso.

Os discursos do mestre 1955, 1958 e 1964.

Os três textos que analisaremos a seguir refletem também a conjuntura política que o país se encontrava em cada um desses momentos. Em 1964, apesar das palavras de ordem de Artigas, a apreensão e a tensão dos rumos político que o país poderia tomar está presente nas linhas de seu discurso, e a crítica maior se dirige aos governantes do país. Em 1958 o tom é extremamente otimista, a crença no progresso e no desenvolvimento do país é a tônica forte, além disso, Artigas fala da organização da classe, pela necessidade do reconhecimento profissional que os arquitetos devem lutar.

No discurso de paraninfo na colação de grau dos arquitetos formados pela FAU-USP em 1955, o assunto inicial é sobre a arquitetura produzida no Brasil. Artigas se refere ao conjunto de trabalhos concluídos e em pleno desenvolvimento, diz que a produção ainda é recente para um balanço completo, porém já se pode discutir as principais características desta arquitetura, permitindo o exercício de um exame crítico sobre ela. O

reconhecimento internacional de nossa arquitetura reflete seus aspectos originais, tipicamente brasileiros.

Nossa arquitetura confirma, na prática, que o processo de universalização da arte é alcançado na medida em que ela reflete o espírito nacional, as expressões mais características de seu próprio povo.⁹

Através da elegância do edifício do MEC, da sede da A.B.I. e do conjunto da Pampulha, Artigas afirma que não há dúvidas sobre a autenticidade e a eficiência técnica de nossa moderna arquitetura. Além disso, ele destaca a aceitação do povo brasileiro a essa nova arquitetura, mesmo as formas mais ousadas são compreendidas e apreciadas pelo gosto popular, apoiando o trabalho dos arquitetos. É até mesmo na banalização de certas formas que o mestre atribui a aceitação do povo, não o vê como um processo de decadência, mas positivo pela assimilação e renovação, mesmo sem o rigor crítico e a elaboração criadora da forma. “A democratização das conquistas da arquitetura deve ser encarada como o desejo ardente, por parte do povo, da aquisição de uma linguagem nova no campo da arquitetura”.¹⁰

Outra importante característica da arquitetura moderna brasileira é a inovação técnica. O importante entrosamento com as conquistas da engenharia, e de um modo geral com os avanços tecnológicos e o domínio da ciência. Em particular, Artigas fala da técnica do concreto armado, extraordinariamente desenvolvida no Brasil, mérito dos nossos profissionais engenheiros reconhecidos também internacionalmente.

O otimismo do discurso de Artigas retrai quando menciona os gigantescos problemas que é preciso enfrentar em nosso país, e no caso não são poucos. O crescimento das cidades é caótico e desordenado, o que prevalece são os interesses gananciosos de uma minoria em prol da especulação imobiliária. As necessidades são intensas e em larga escala, é preciso construir escolas, hospitais, infra-estrutura, etc.

...E é só na proporção em que os arquitetos derem conta desses grandes problemas construtivos que a nossa arquitetura conseguirá comprovar definitivamente a sua eficiência e a possibilidade de

9 Artigas, Vilanova, Aos formandos da FAU-USP 1955. **Caminhos da arquitetura**; 1915-1985 [organização José Tavares Correia de Lira, e Rosa Artigas], ed. Cosac e Naif, São Paulo, 2004, p. 60.

10 idem 9, p. 60

desenvolver quantitativa e qualitativamente suas conquistas técnicas e artísticas em grau ainda impossível de ser previsto.¹¹

Para os jovens, o campo de atuação é vasto, e cresce junto com o progresso. O otimismo presente não é para gerar comodismo, mas sim estimular o exercício de nossa profissão. O progresso de uma nação é fruto do esforço coletivo e constante de seu povo. Portanto os limites do arquiteto jamais devem se restringir somente ao espaço da prancheta.

No entanto o avanço da técnica e a exuberância da forma não minimizam uma contradição da nossa realidade social, somos um país rico, cheio de possibilidades, porém com uma enorme população vivendo em condições precárias de grande atraso. “Ao lado da moderna casa brasileira, confortável e tecnicamente ajustada a todas condições do nosso meio físico, pululam as favelas e os cortiços”.¹²

De fato vivemos um atraso nas forças sociais e nos setores produtivos, a indústria nacional não se desenvolve a ponto de emancipar-se e liquidar a relação colonial que atrasa nosso desenvolvimento tecnológico, já foi provado que dispomos de cientistas de valor, e técnicos muito bem capacitados. O interesse profissional do arquiteto está vinculado ao da grande parte da população e subordinado a contradição apontada anteriormente, que segundo Artigas será superada somente quando a classe intelectual “participar da luta geral que já se trava pela emancipação econômica do Brasil”.

As cidades devem ter planos diretores que norteiam seu crescimento e atendam aos interesses de sua população. A habitação é um problema que devemos atender, sair do esboço e se resolver com pedra, cal, cimento e ferro. Esse momento é preciso torná-lo próximo.

Trata-se, portanto, meus colegas, de encontrar o caminho que nos afaste das posições teimosamente acadêmicas que temos assumido. Não podemos permitir que nos transformem em meros experimentadores dos laboratórios de arquitetura a serviço de uma minoria opulenta, desligada dos interesses populares.¹³

Neste momento, o discurso de Artigas fala da necessidade da transformação nas atuais estruturas econômicas e sociais, para atingir a exigência básica do bem estar e o desenvolvimento pleno da população, só assim a atuação do arquiteto poderá ser total.

11 idem 9, p. 61

12 idem 9, p. 62.

13 idem 9, p. 63

Ao finalizar o discurso o mestre volta ao tom otimista, orgulhoso do sucesso da arquitetura brasileira, que reflete o talento dos profissionais além dos ideais de progresso e perfeição.

Vós sois os dignos herdeiros dessas valiosas qualidades e honrosas tradições. Está agora em vossas mãos preservá-las e desenvolvê-las através de um trabalho honesto, da infatigável procura da verdade, da subordinação constante dos interesses individuais aos interesses mais gerais da sociedade em que vivemos.¹⁴

Três anos depois, em 1958 Artigas como paraninfo da turma inicia sua fala elogiando o crescente número de arquitetos que estão se formando, ponto muito positivo para os objetivos que desejam atingir. Comenta sobre a posição da FAU-USP, como um instituto respeitado, motivo de orgulho e justifica:

Se ainda oferece aspectos que desejaríamos ver modificados, isto se explica, em parte, pelo ardente desejo que temos de ver cada vez mais aperfeiçoado o ensino universitário; mas também, e principalmente, pela maneira como ainda se conceitua a profissão de arquiteto em nosso país.¹⁵

O clima de pesquisa e debate instaurado na FAU colabora para o posicionamento dos arquitetos no desenvolvimento da cultura nacional. A formação dos jovens paulistas é de qualidade. Para Artigas os campos necessários a se instaurar maiores modificações estão além da escola, e sim “na conceituação da missão do arquiteto”.

Para dar continuidade ao prestígio da arquitetura brasileira, é preciso que os profissionais que se formam encontrem segurança na sua vida prática é importante que esteja assegurado o campo de atuação destes profissionais, caso contrário, as realizações da arquitetura consagradas até os dias atuais terão seu alcance reduzido a uma expressão qualitativa de seu tempo.

Não faltam oportunidades nem apoio do povo, dos intelectuais nem do governo, diz Artigas, mas falta uma medida de reconhecimento profissional: condições de independência para a profissão. Ou seja, para a sociedade brasileira, arquitetura se define como uma especialização da engenharia, subordinada a indústria da construção, “A arquitetura é antes

14 idem 9, p. 63

15 Artigas, Vilanova. Aos Formandos da FAU-USP 1958 in **Caminhos da arquitetura: 1915-1985** [organização José Tavares Correia de Lira, e Rosa Artigas], p. 70, ed. Cosac e Naif, São Paulo, 2004.

de tudo expressão cultural de um povo, que se serve do avanço técnico e da produção industrial, sobre os quais exerce também sua influência criadora”.¹⁶

Aqui no Brasil, somos únicos que ainda de modo confuso conceituamos arquitetura com técnica. Além disso, a regulamentação da profissão ligada à engenharia já está ultrapassada, refere-se a um momento político imposto. Segundo Artigas os arquitetos paulistas na década de 30, através do IAB propuseram um projeto de lei que regulamentava a profissão de modo democrático, caso esta opinião prevalecesse, hoje nossa profissão seria bem compreendida por uma porção maior da população.

Aproximadamente há trinta anos o anonimato legal, ou seja, a legislação profissional esconde os arquitetos, salvos pelo movimento moderno, que trouxe a tona através da criação artística o sucesso e o reconhecimento de nosso trabalho.

Porém o alcance desta conquista deve ser maior, é preciso estar capacitado para defender o patrimônio cultural brasileiro. A crítica é diretamente ao fato de que empresas estrangeiras são autorizadas a projetar, construir e urbanizar no Brasil, sem a presença e mínimo acompanhamento dos profissionais brasileiros. A facilidade e liberdade desta penetração na nossa economia são destruidoras da cultura local. Não é ser contra a experiência universal, pelo contrario a arquitetura já provou que esta é um incentivo constante para a criação de novas formas.

Não podemos concordar, isso sim, com o aproveitamento de valores culturais estrangeiros para diminuir o que é nosso, para disseminar o pessimismo entre brasileiros, para a descrença em nossa própria capacidade de construtores do desenvolvimento econômico e cultural de nosso país.¹⁷

Ao encerrar Artigas esclarece a distinção entre o campo da engenharia e da arquitetura. É preciso estar claro que a reivindicação dos arquitetos por um organismo próprio, não se trata de uma disputa no campo de ação da engenharia. Arquitetura é um caminho à parte, que equilibra técnica e arte, mas é o conteúdo humano que condiciona o técnico. O engenheiro é essencialmente um técnico.

¹⁶ Idem 15, p. 71

¹⁷ Ibidem 15, p. 72

No último discurso de Artigas, escrito em novembro de 1964 em Montevideu, no momento que foi afastado do país por razões políticas, ele não deixa de demonstrar sua apreensão devido aos novos rumos impostos pelos militares no poder. Mesmo assim em nenhum momento deixa de elucidar o horizonte utópico, "... Confiai, entretanto, que a marcha que encetamos juntos é irreversível. A consciência que formamos da natureza dos problemas que nos cabe enfrentar é clara e una".¹⁸

Artigas enche os estudantes de coragem e aponta para as responsabilidades necessárias em conduzir os rumos de nossa cultura. Fala das conquistas da arquitetura, dos avanços no ensino de arquitetura e na universidade brasileira, e no esforço constante dos arquitetos de se aproximarem dos reais problemas do povo e da grande maioria pobre de nosso país.

...Ousamos prever que, num futuro não remoto, o campo de atividade de o arquiteto ter-se-á estendido a servir tão profundamente a humanidade que os objetos do cotidiano, os de vida mais efêmera, até as amplas paisagens: a urbana e regional, serão objetos de nossa manipulação entusiasta, de nossa atividade criadora. ¹⁹

E para isso é que os estudantes e os arquitetos têm se preparado, visando estes objetivos, Artigas fala em três pontos chaves: resolver os problemas habitacionais, acompanhar o desenvolvimento industrial e controlar esta cadeia de produção desde o projeto de seus produtos até o resultado final. A FAU-USP, segundo Artigas é reflexo destes ideais.

Ele não deixa de chamar responsabilidade a estes jovens, pela necessidade de assegurar a liberdade conquistada.

...Se conquistamos, como creio, com a ação que temos desenvolvido, o direito de influir nos destinos da nacionalidade, cabe-nos resguardar esta conquista, envidando todos os esforços para assegurar a irreversibilidade dos caminhos já palmilhados e restabelecer o clima de liberdade que nos permitiu dar os passos que temos dado. ²⁰

Em nenhum momento do discurso, apesar do contexto político do país não acenar nenhum tom otimista, ele abandona diante dos estudantes a crença positiva de que a arquitetura resolverá aliada ao desenvolvimento

18 Artigas, Vilanova. **Aos formandos da FAU-USP 1964** in **Caminhos da arquitetura**; [organização José Tavares Correia de Lira, e Rosa Artigas], ed. Cosac e Naif, São Paulo, 2004, p. 82.

19 Idem 18 p. 83.

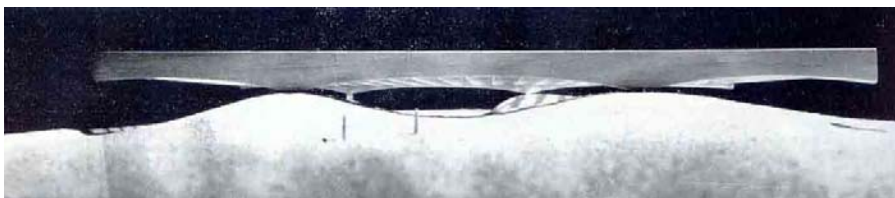
20 Idem 18 p. 84.

técnico, os grandes problemas que enfrentamos de ordem social, até a ocupação mais ampla de nosso território. E finaliza o discurso:

Estudantes de ontem e arquitetos de hoje, tendes tradições de patriotas. Não haveis de desfalecer, isolados, das duras lutas que trava nosso povo para construir uma pátria livre e independente. Construíres os monumentos que comemorarão a sua vitória. 21

Um ano após este discurso de Artigas, formou-se Jorge Caron na FAU em 1965, antes de ingressar no curso já trabalhava com artes plásticas e com teatro, dominava muito bem o desenho conhecia diversas técnicas, fazia belíssimos desenhos em aquarela, pastel e grafite. Havia uma exposição chamada “Artista de Domingo” organizada desde 1956 pelos alunos da FAU, a intenção era divulgar os trabalhos e atividades extracurriculares dos alunos, e Caron, ainda nem era aluno efetivo e ganhou menção honrosa em 1957 e faturou o 3º Prêmio em 1958 com seus desenhos e aquarelas. Ainda em 1965 realizou uma Exposição Individual com 60 desenhos no Teatro Oficina em São Paulo.

Jorge Caron fez parte da equipe liderada por Paulo Mendes da Rocha junto com os arquitetos Julio Katinsky e Ruy Ohtake no projeto do Pavilhão do Brasil na Expo 70, em Osaka Japão. Para muitos este projeto representou um marco simbólico, por representar em sua totalidade o discurso ideológico da arquitetura paulista. A grande laje, a cobertura única que responde a todos programas, possibilita a integração social e a redução das barreiras entre público e privado. Além do “...virtuosismo no emprego da tecnologia, mostrando o compromisso da arquitetura com o desenvolvimento tecnológico e conseqüente emancipação tecnológica e cultural do país; a continuidade do piso no térreo mostrando a ausência de barreiras entre interior e exterior, entre público e privado.”22



Maquete Pavilhão Brasil na Expo 70, OsaKa in revista Acrópole , n.361, 1969, p. 14

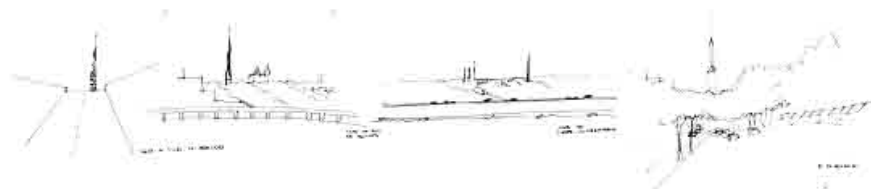
21 Idem 18 p. 85.

22 BASTOS, Maria Alice de Junqueira. **Pós-Brasília: Rumos da Arquitetura Brasileira: discurso, prática e pensamento.** São Paulo, perspectiva: FAPESP, 2003, p. 20.

Além do mérito como excelente projetista Jorge Caron foi professor desde o primeiro ano de formado, posteriormente coordenou cursos de arquitetura em São Paulo (Faculdade Belas Artes) em Franca (UNIFRAN) e São Carlos (EESC-USP). Caron teve em torno de 40 publicações, distribuídas entre revistas, jornais e congressos. No conjunto de sua produção as temáticas que trata são variadas, mas estão sempre ligadas e comentados em dimensões gerais e maiores, é como se para falar de cada assunto ele abrisse seu leque de referências e os relacionasse a tantos outros mais. De modo geral, seus textos são como uma conversa, sempre próximos do leitor. É marcante a clareza e a didática na exposição de seus pensamentos, marcado pelo hábito de expressar-se através de analogias e metáforas, Caron nunca abandonou a ironia. Sua mensagem é clara e objetiva, o modo como pensa, seu posicionamento e discurso estão sempre presentes e explícitos nos textos.

Através de suas palavras, Caron expôs e discutiu sua visão de mundo. Visão essa que concentra uma intensa reflexão sobre os ideais transformadores, pela juventude embebida de utopia e o estreito vínculo estabelecido entre a cultura e política.

Uns exemplos são os artigos sobre projetos de residências, que publicou na revista Casa e Jardim, onde o projeto em si é pouco comentado e o foco de sua discussão são as formas de agrupamento das pessoas, a cidade e suas relações. Ao projetar uma casa, Caron não se prende ao objeto único, mas se preocupa com o conjunto delas, pensa o protótipo, a resolução dos problemas em massa, em larga escala, em produções industriais, leves e eficazes.



Croquis da Torre da TV Cultura, Jorge Caron, **Projeto**, n. 151, p. 59.

Além do engajamento social e político que cercou suas palavras, há uma presença fundamental de poesia em seus textos. O tom poético apresentou e descreveu muitos de seus projetos. O artigo da Acrópole n. 385, inicia a apresentação de cada um dos projetos com uma poesia, de referencia nitidamente concreta. Outro bom exemplo foi a publicação da

torre da TV cultura na revista Projeto, 151, 1992. A última página está representada somente pelos seus desenhos e palavras, que merecem ser vistos pessoalmente.

Foram selecionados três textos de Caron que além do conteúdo temático interessam por demonstrar a maneira objetiva e irônica que expressa suas idéias. Depois da seleção, pode-se relacionar os textos de Caron aos principais temas existentes nos discursos de Artigas. As relações entre eles são expressas pelos temas tratados a seguir:

O campo de atuação do arquiteto

Segundo Jorge Caron no artigo Emprego e desemprego publicado na revista PROJETO n.24 em 1980, para entender o desemprego atual é preciso em primeiro lugar analisar as condições de emprego. Inicia com uma breve análise do modelo econômico imposto no país. Faz um relato (até um pouco irônico), dos sucessivos modelos históricos que o país vivenciou, desde:

...um país de mineiros contrabandistas de ouro e paulistas ladrões de índios e gado, cercados policialmente por uma coroa que lhes fornecia sal a alto preço... até o modelo... de substituição de importações (a partir desta guerra) que serviu de soleira ao modelo exportador de produtos industrializados (a partir da década de sessenta)²³.

Nesta última passagem, fala de um sistema monopolista (onde se vende matéria prima e importam-se bens industrializados) para uma estrutura dominada pelo capital multinacional que, "... trocando em miúdos, eles nos alugam manuais a alto preço e nós lhes vendemos as mercadorias produzidas com mão de obra barata". ²⁴

A mão de obra empregada é aquela capaz de traduzir e manipular os manuais impostos pelas multinacionais. Nesse sentido a industrialização do país passa a ser um aspecto decadente do desenvolvimento nacional. Este projeto econômico que estamos envolvidos define um mercado direcionado ao destino da sua produção, um mercado de trabalho e por conseqüência um mercado de empregos. Este mercado estabelecido tem

²³ CARON, Jorge. Emprego e desemprego, **Projeto** n.24, out/nov, 1980.

²⁴ Ibidem 23.

limites e deixa de fora uma grande parcela da população, "...esta parcela externa ao mercado é chamada de mercado informal e é o reino das necessidades não satisfeitas, cuja satisfação não consta do modelo". 25

E além de envolver a grande parte da população, a parcela mais carente, é também violentada por projetos e intenções obscuras que o modelo nem se preocupa em disciplinar. Caron defende que este é um momento ideal de se mudar a atuação dos profissionais, é necessário se organizar para realizar novas proposições neste mercado informal, já que o país passa por uma revisão dos meios energéticos de produção, e numa escala maior as massas trabalhadoras em todo o mundo reivindicam por condições mais justas e a melhoria da qualidade de vida.

Portanto a perspectiva que nos cerca é a de estruturação de novas formas de organização da produção técnica, capaz de, no interior da população, permitir a invenção de novos projetos e novos modelos, abandonando a prática de reproduzir modelos impostos.²⁶

O texto Emprego e desemprego, analisado acima mostrou de forma objetiva o pensamento de Caron sobre os campos de atuação dos arquitetos. A partir dos modelos econômicos implantados no país, ele fez uma reflexão para constatar a necessidade de mudança que os arquitetos devem instaurar nos seus campos de atuação. Entretanto é preciso desvincular a prática do arquiteto ao limitado mercado, que exclui a verdadeira necessidade da grande parcela da população.

Pode-se entender esta proposta de Caron como o desenvolvimento da preocupação colocada por Artigas nos discursos para seus alunos. A necessidade dos arquitetos em ampliar e diversificar os campos de ação profissional, atendendo a grande parcela da população.

Os jovens arquitetos brasileiros têm, pois, pela frente um vasto campo de ação, cada vez maior à medida que o nosso povo for avançando no caminho do progresso e se libertando do atraso em que vive.²⁷

Não há dúvida da influência e das afinidades ideológicas do mestre Artigas no percurso de Caron. Um momento importante, que muito orientou e partilhou-se ideais, foi liderado por Artigas na reforma curricular de 1962 na FAU-USP.

25 Ibidem 23

26 Ibidem 23

27 Artigas, Vilanova, 1915-1985. **Caminhos da arquitetura**; [organização José Tavares Correia de Lira, e Rosa Artigas], p. 61, ed. Cosac e Naif, São Paulo, 2004.

Em 1962, com a nação em processo de modernização, passando a um modelo industrializado importador de tecnologia, a FAU-USP se reformula, colocando um novo padrão para o ensino de arquitetura com parâmetros em industrialização, design e planejamento. 28

Ao mesmo tempo em que aumenta o campo profissional, é preciso que o arquiteto pense, raciocine em escala industrial, as soluções dos problemas estão na produção em massa, em grandes quantidades a um baixo custo. Neste sentido, é possível identificar em diversos momentos, nos projetos e textos de Caron, soluções visando atender esta preocupação.

Tratava-se de fazer móveis para uma sala de jantar e banquetas para um estar. Mas por peculiaridades minhas (formação, traumas infantis, etc.) me é sempre difícil pensar alguma coisa individual. Tal como um móvel para uma sala. A tendência é pensar, automaticamente, em termos de protótipo, não de indivíduo. Protótipo implica numa perspectiva de produção, uma indústria à disposição com um plano de pesquisa. Projetar ao nível do protótipo é projetar ao nível de reprodução aos milhares, ao nível de rebatimento social, de elaboração industrial.²⁹

Em outras partes dos textos de Caron, poderemos observar esta mesma preocupação com a racionalização, com a produção em larga escala, ressaltada muitas vezes pelo mestre Artigas, a promessa do progresso e da técnica são horizontes que perduraram perante gerações.

O planejamento urbano.

No artigo Uma casa é um protótipo, publicado na Casa e Jardim n. 214 em 1972, o modo irreverente e até mesmo irônico da personalidade de Caron aparece na primeira frase do texto que esta em negrito e diz: “**O importante é mesmo a cidade.**”³⁰ Caron argumenta sobre a fragmentação da cidade em vários tipos de unidades. Estas se relacionam umas com as outras através de sistemas de distribuição, zonas, unidades de freguesia. “O lote não é uma unidade”.

Contrário do que pensamos, o lote é uma fração de unidade. E a casa é aquilo que é ocupado no lote, parte integrada da paisagem, seu conjunto

28 CARON, Jorge O. Notas para um projeto de ensino de arquitetura. **Projeto** n. 99, p. 98, mai. 1987.

29 CARON, Jorge O. Móveis com material não convencional, **Casa e Jardim**, vol. 93, fev. 1971.

30 Grifo do autor.

pode ser chamado de habitação, ai sim uma unidade. “Portanto podemos dizer que **a casa não é um tipo. Uma casa é um protótipo.**”³¹

Neste momento Caron nega a idéia de cidade dentro do lote, pensa a casa como sub unidades que articuladas e com um número de repetições determinadas formam uma unidade urbana. Classifica este projeto da seguinte forma: “Esta casa é um protótipo de moradia para unidade urbana de baixa densidade”. Assim ele justifica o grupo que este projeto está inserido, dentro das diversidades e hierarquias que formam a cidade. Sobre os detalhes do projeto e as soluções técnicas empregadas, Caron usa as fotografias como guia para descrever os ambientes, os materiais utilizados e as técnicas adotadas.

No artigo Residência em Botucatu projeto de uma residência publicada na revista CASA E JARDIM n.224 em 1973, Caron reforça seu pensamento e visão de mundo, preocupado com a coletividade e os problemas da massa, comenta sobre a grande parcela da população que vive em condições precárias e pobres. E questiona, o que procura a esmagadora minoria que busca um arquiteto para construir sua casa, originalidade?

Em parte, concordamos. Realmente, tem muito arquiteto alfaiate tirando medidas do cliente para costurar-lhe a casa, avaliando-lhe as banhas, e os pruridos classistas, para entoar-lhe um espaço.

Para Caron há duas maneiras de encarar o projeto de uma casa:

Como objeto único, privado, em concorrência consumística com os demais vizinhos, irrepitível, passível de um plágio, enfim, um "tipo". Ou um protótipo, repetível à exaustão, que extravasa a si próprio na formação de traçados urbanos, atendendo a qualquer um na amplidão de sua interiorização ou de sua participação. O que aquela maneira possa ter de lírica, esta teria de épica.

Modestamente, sou mais a segunda hipótese.³²

Aqui Caron reafirma as idéias já colocadas no artigo publicado no ano anterior. O projeto se explica através das peças gráficas sem qualquer comentário escrito. Suas palavras ressaltam o conceito do projeto:

Quero abrigar-lhe a liberdade de ser e mudar, de entrar e sair sem formalizar-se, de estar sem ser coagido pela "riqueza" do espaço. Abrigar os mil fenômenos de liberdade, muitos dos quais desconheço. Falando em casas e nos limites desta visão, este

31 Grifo do autor

32 CARON, Jorge. Residência em Botucatu. **Casa e Jardim**, vol.224, set. 1973.

projeto é uma tentativa. Se nela houver algo de "original", desculpem-me. A próxima será mais chão. E mui formosa.³³

A idéia do planejamento, do plano diretor para as cidades, esta muito presente nas falas de Artigas, em diversos textos de Caron, também se identifica como centro das preocupações a questão urbana, o crescimento desordenado das cidades, e os graves problemas ocasionados pela ausência de planejamento. As duas publicações da revista Casa e Jardim sobre projetos residenciais de Caron apresentadas anteriormente, a todo o momento se referem ao conjunto cidade. A coletividade é muito solicitada e contundente nos textos de Caron, principalmente quando se fala em residência familiar, pensamos imediatamente em individualidade, e o seu discurso nos remete ao raciocínio oposto, ao conjunto, a grande massa humana que somos.

A necessidade de utopia.

Nas palavras de Artigas, um ponto de destaque é a contradição que enfrentamos na nossa condição cultural, de um lado o avanço tecnológico e de outro a maior parte da população vivendo em condições de precariedade. Caron também se preocupa em nos situar perante a realidade, por mais perversa e difícil que ela seja, faz questão de problematizar, e nos convoca para o enfrentamento destes problemas. Longe de um idealismo ingênuo, a crença e a utopia de Caron tem suas raízes nos discursos e nas palavras de ordem de Artigas.

Você talvez não tenha percebido, mas somos massa, uma vasta massa planetária, e não vejo susto nenhum nisso, é ótimo. Se agente considerar que o conhecimento é um só para todos os humanos, e que em qualquer ponto do planeta se possa obter os frutos do avanço tecnológico decorrentes daquele conhecimento, formar parte dessa massa é um orgulho. ³⁴

Na continuação deste trecho Caron confessa o desmanche deste pensamento, e na última linha justifica sua utopia.

...Sei que isso não é lá muito verdade, hoje estamos na massa, ao lado do vietnamita estripado por um engenho de alta tecnologia e de um indiano faminto pela ausência de um outro engenho dessa

³³ Ibidem 32.

³⁴ Caron, Jorge O. Minha casa tem que ter isto, isso e aquilo. **Casa e Jardim**, vol. 211, ago.1972.

mesma tecnologia. Mas é do feitio do mundo colocar sempre uma utopia no horizonte.³⁵

È curioso notar quando Caron fala da utopia como um feitio do mundo, de certa forma ele acredita na promessa moderna, mas já confessa que esta ciente da sua derrota e da promessa que não irá se cumprir. Mas é interessante notar pelo perfil profissional de Jorge Caron, que sua própria trajetória foi resultado da grande preocupação de Artigas na atual formação do arquiteto, "...sobre a personalidade multifacetada do arquiteto sem que ele, em sua ação multifária, perca seu perfil original, sua visão humanística dos meios e dos modos carinhosos de tratar o espaço físico – projeção do homem como ser." ³⁶

Para concluir, considero que Jorge Caron, além de partilhar dos princípios idealizados pelo mestre Artigas, incorporou os debates e conflitos do contexto cultural em que viveu. A versatilidade profissional capaz de exercitar e transitar muito bem entre disciplinas e campos de linguagens distintos como teatro, cinema, arquitetura e ensino, responde em certo sentido aos desafios colocados pelo seu tempo.

Um projeto muito conhecido realizado por Jorge Caron na cidade de São Paulo, foi a Torre da TV Cultura, que em certo sentido sintetiza muito dos ideais paulistas, falo aqui no seu sentido simbólico, pela representação de progresso, desenvolvimento tecnológico, inserida na cidade, desenhada como marco remodelando a paisagem urbana, como referência, e ao mesmo tempo respondendo a uma série de desafios, desde a fundação até sua montagem.³⁷

Bibliografia

ARTIGAS, J. B. **Vilanova Artigas: arquitetos brasileiros**. Instituto Lina Bo e P.M. Bardi, Fundação Vilanova Artigas, São Paulo, 1997.

ARTIGAS, J. B. Vilanova, 1915-1985. **Caminhos da arquitetura**; [organização José Tavares Correia de Lira, e Rosa Artigas], Cosac e Naif, São Paulo, 2004.

ARANTES, Pedro Fiori. **Arquitetura Nova: Sergio ferro, Flávio Imprério e Rodrigo Lefèvre, de Artigas aos multirões**. São paulo: Ed. 34, 2002.

³⁵ Ibidem 34

³⁶ ARTIGAS, João Batista Vilanova. **Contribuição para o Ensino e Arquitetura UIA_UNESCO** In Sobre a História do Ensino de Arquitetura no Brasil. p.33 , ed. Vozes, São Paulo, 1977.

³⁷ Vale a pena conferir o artigo e o texto de Jorge Caron sobre a torre in PROJETO, n. 151, p. 58, 1992.

BASTOS, Maria Alice de Junqueira. **Pós-Brasília: Rumos da Arquitetura Brasileira: discurso, prática e pensamento**. São Paulo, perspectiva: FAPESP, 2003, p. 20.

BUZZAR, Miguel Antônio. **João Batista Vilanova Artigas - Elementos para a compreensão de um caminho da arquitetura brasileira – 1938-1967**. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – Universidade de São Paulo, 1996.

CARON, Jorge O. Depoimento **Casa e Jardim**, jan. 1971.

_____. Depoimento **Casa e Jardim**, jun. 1971.

_____. Móveis de fibrocimento. **Casa e Jardim**, fev. 1971.

_____. Centro Paroquial - Jardim Maracanã; Plano Diretor, Edifícios Modulares e Biblioteca da FCMBB; Auditório CESP; Cenografia Macbeth Trabalho na UFP; Móveis de Fibrocimento. **Acrópole**, n.385, p. 10-25, jun. 1971.

_____. Depoimento **Casa e Jardim**, ago. 1972.

_____. Residência Gabriel Sensi. **Casa e Jardim**, n. 214, nov. 1972.

_____. Residência Barduco. **Casa e Jardim**, n. 224, set. 1973.

_____. Viação S. Luis - Uma nova concepção para oficinas e Edifício sede -Enterpa. **Projeto**, n.14, ago. 1979.

_____. Emprego e Desemprego. **Projeto**, n. 24, nov. 1980.

_____. Campos de aventura **Projeto**, n. 82, nov. 1985.

_____. Notas para um projeto de ensino de Arquitetura. **Projeto**, n.99, mai. 1987.

_____. Teatro Kit. **Projeto**, n.100, jun. 1987.

_____. Zanine e Utopia. **Projeto**, n.108, mar. 1988.

_____. Teatro Municipal de Cubatão. **Projeto**, n.112. jul. 1988.

_____. Por quê concursos?. **Jornal do Arquiteto - Órgão do SASP**, n.90, dez. 1988.

_____. Solução Escalonada - Frame Cinevídeo. **Projeto**, n. 126, out, 1989.

HOLANDA, Heloisa Buarque de. **Cultura e Participação nos anos 60**. São Paulo, Brasiliense, 1982.

KOURY, Ana Paula. **Grupo Arquitetura Nova: Sergio ferro, Flávio imprério e Rodrigo Lefèvre**. São Paulo, ed. Romano Guerra, EDUSP, FAPESP, 2003.

SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas do Brasil – 1900-1990**. São Paulo, Edusp, 1998.

SCHWARZ, Roberto. **O Pai de Família e outros estudos**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.

PAES, Maria Helena Simões. **A Década de 60**. 3.ed., São Paulo, Ática, 1995.

FAU_Histórico, **Desenho**, n. 1, Revista impressa e publicada pelos alunos da FAU, 1970.